

## ARQUIVOS PESSOAIS E SUAS POTENCIALIDADES PARA PESQUISA: O CASO DO ARQUIVO GUILHERME FIGUEIREDO

**Resumo:** Objetiva revelar a potencialidade para pesquisa existente no Arquivo Guilherme Figueiredo, possibilitando reflexões e interligações entre documentos e memória. Propõe um estudo teórico e qualitativo, tendo a bibliografia de autores estudiosos da temática sobre arquivos pessoais como marco teórico. Utiliza a técnica descritiva para apresentação de alguns documentos e temáticas representadas no arquivo. Discute a relação do arquivo privado pessoal e sua formação e organização. Apresenta alguns documentos do arquivo, revelando possíveis relações de pesquisa e analisando alguns primeiros relacionamentos e resultados. Conclui que o arquivo pode revelar aspectos pouco abordados sobre as múltiplas visões sobre Guilherme Figueiredo, suas relações sociais e seu tempo, contextualizando e contrapondo fatos.

**Palavras-chave:** Arquivo pessoal. Memória. Guilherme Figueiredo.

**Durval Vieira Pereira**  
Doutorando em Ciência da Informação  
Mestre em Ciência da Informação pela UFF  
Universidade Federal Fluminense  
[durvalvieira@gmail.com](mailto:durvalvieira@gmail.com)

**Márcia Valéria da Silva de Brito Costa**  
Doutoranda do Programa de Pós-graduação  
em Biociências da UNIRIO  
Docente convidada da Escola de  
Biblioteconomia da UNIRIO  
[marciavc@unirio.br](mailto:marciavc@unirio.br)

**Marie Hélène de Carvalho Neves**  
Graduada em Biblioteconomia pela  
Universidade Federal do Estado do Rio de  
Janeiro (UNIRIO)  
Ministério de Minas e Energia (MME)  
[mariehcneves@gmail.com](mailto:mariehcneves@gmail.com)

## PERSONAL ARCHIVES AND THEIR POTENTIAL FOR RESEARCH: THE CASE OF THE ARQUIVO GUILHERME FIGUEIREDO

**Abstract:** Aims to reveal the potential for research in the Arquivo Guilherme Figueiredo, making possible reflections and interconnections between documents and memory. Proposes a theoretical and qualitative study, having the bibliography of experts on the subject of personal archives as a theoretical framework. Uses the descriptive technique to present some documents and themes represented in the archive. Discusses the relationship of private personal archive and its formation and organization. It presents some documents from the archive, revealing possible search relationships and analyzing some early results. Concludes that the archive may reveal a few aspects about the multiple visions of Guilherme Figueiredo, his social relations and his time, contextualizing and countering facts.

**Keywords:** Personal archive. Memory. Guilherme Figueiredo.

## 1 INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo revelar a potencialidade de pesquisa existente no Arquivo Guilherme Figueiredo, salvaguardado pela Biblioteca Central da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Acredita-se ser necessário divulgar as diferentes temáticas existentes no citado arquivo, pois estes documentos são registros da participação de uma personalidade que ocupou atividades variadas ao longo da vida e interferiu nos mais diversos setores sociais.

Guilherme Figueiredo foi escritor, teatrólogo, advogado, publicitário, adido cultural, tradutor, professor, reitor, diretor de TV e outras ocupações que tornam seu perfil instigante e digno de estudo sobre sua personalidade e papel social exercido.

Estudar o Arquivo Guilherme Figueiredo se justifica pela quantidade e variedade – tipológica e temática – que compõe seus documentos. São registros de ações relacionadas a seu proprietário que podem trazer à tona lembranças e novas interpretações sobre fatos ocorridos.

Estes registros são marcas do passado, que podem funcionar como fragmentos de memória que ao se interligarem formam algum tipo de sensação, de lembrança. Funcionam como memórias dos outros, que ligadas as nossas formam outras lembranças. Essa dinâmica é expressa por Halbwachs ao falar sobre lembranças simuladas.

Uma vez que nos indiquem com precisão o caminho que temos que seguir, esses traços se evidenciam, os ligamos uns ao outro, aprofundando-se e se juntam por si mesmos. Então eles existem, porém eram mais marcantes na memória dos outros do que em nós mesmos. Sem dúvida, reconstruímos, mas essa reconstrução se opera segundo linhas já demarcadas e delineadas por nossas outras lembranças ou pelas lembranças dos outros. As novas imagens se polarizam em torno do que, para essas outras lembranças, permaneceria sem elas, indeciso e inexplicável, mas que nem por isso deixaria de ser uma realidade. (HALBWACHS, 1990, p. 77-78).

Os documentos do Arquivo podem ser utilizados como testemunhos capazes de evocar lembranças nas pessoas contemporâneas de Guilherme Figueiredo e que com ele tiveram algum tipo de relação no Arquivo documentada. Afinal, “uma vida pode contar outras tantas.” (DEL PRIORE, 2009, p. 10).

Por esta razão, tem-se a intenção de mostrar as potencialidades de pesquisa do Arquivo Guilherme Figueiredo, com o objetivo de despertar interesse por novas ligações, para geração de novas lembranças. Associações que podem existir dentro do Arquivo e do próprio acervo da

UNIRIO ou com documentos de outros arquivos e de outras instituições poderão gerar questionamentos e, conseqüentemente, pesquisas científicas.

Alguns estudos já começam a explorar o acervo colecionado por Guilherme Figueiredo. Carvalho (1999) abordou a questão biobibliográfica do autor; Freire, Costa e Achilles (2017) exploraram as dedicatórias presentes nos livros da Coleção; e Pereira e Costa (2017) se dedicaram à questão da aquisição da Coleção pela Biblioteca Central da UNIRIO. No entanto, outros estudos são possíveis e necessários diante dos documentos reunidos principalmente no Arquivo Guilherme Figueiredo, pouco explorado até o momento. As relações entre os mais diversificados olhares sobre os documentos, com diferentes focos e resultados permitiriam “a compreensão das relações estabelecidas entre as representações subjetivas do agente em questão (no caso, o titular do arquivo) e a memória que se constrói sobre ele”. (VENANCIO, 2001, p. 27).

Trata-se de um estudo teórico e qualitativo, tendo a bibliografia de autores estudiosos da temática sobre arquivos pessoais como marco teórico. Utiliza-se a técnica descritiva para apresentação de alguns documentos e temáticas representadas pelo Arquivo Guilherme Figueiredo. Produz-se um texto básico para conhecimento desse Arquivo, revelando possíveis relações de pesquisa e já analisando alguns primeiros relacionamentos e resultados.

## **2 A PROPÓSITO DE ARQUIVOS PESSOAIS**

Entender os bastidores da vida cultural sempre foi objeto de estudo de diversos pesquisadores. No entanto, os arquivos privados pessoais se tornaram fontes de imprescindível valor para descortinar estes bastidores. O acesso a correspondências, diários, cadernos e fotografias dentre outros tipos de documentos facilitou o trabalho daqueles que buscam conhecer a intimidade por trás dos personagens, que tiveram participação nos acontecimentos históricos de determinada sociedade e época.

Para conceituar e diferenciar arquivo privado e arquivo privado pessoal utilizou-se as palavras de Heymann (1997, p. 2), que define arquivo privado como

a unidade de cada um deles [documentos] é conferida pela pessoa ou instituição que o constituiu, ou seja, por quem acumulou determinados documentos privados dentro do universo daqueles produzidos e recebidos. No caso, dos arquivos privados pessoais, cabe a uma pessoa física, o titular

do arquivo, escolher os documentos que, no fluxo dos papéis de seus critérios e interesses, que funciona como eixo de sentido no processo de constituição do arquivo. Por um lado, porque sua vida, suas atividades e suas relações vão determinar e informar o que é produzido, recebido e retido por ela ou sob sua orientação. Por outro lado, e fundamentalmente, porque cabe a ela determinar o que deve ser guardado e de que maneira.

Castilho (1991, p. 115) define arquivo privado como o “conjunto de documentos acumulados em decorrência das atividades de pessoas físicas e jurídicas de direito privado, depositados ou não em instituições públicas”. E, arquivos pessoais “são conjuntos documentais, de origem privada, acumulados por pessoas físicas e que se relacionam de alguma forma às atividades desenvolvidas e aos interesses cultivados por essas pessoas, ao longo de suas vidas”. (FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS, 2017).

O aumento dos arquivos privados se prende a uma revalorização do indivíduo na história, “não apenas a história cultural está no centro dessa transformação, mas igualmente uma ‘nova’ história política e uma ‘nova’ história social, cujas fronteiras são fluidas e móveis” (GOMES, 1998, p. 4).

Percebe-se, assim, uma grande mudança nas práticas de pesquisa. Cujas consequências são mostradas por Prochasson (1998, p. 7), quando este autor diz que

O interesse crescente pelos arquivos privados corresponde a uma mudança de rumo fundamental na história das práticas historiográficas. Dois fatores, ligados aliás um ao outro, me parecem ser capazes de esclarecer o gosto pelo arquivo privado. O primeiro é o impulso experimentado pela história social cultural e, mais particularmente, a multiplicação dos trabalhos sobre os intelectuais. O segundo está vinculado à mudança da escala de observação do social, que levou, sobretudo pela via da micro-história e da antropologia histórica, a um interesse por fontes menos seriais e mais qualitativas.

Em complemento dos dois fatores acima descritos, Bellotto (1998, p. 1) afirma que os arquivos pessoais despertam um instigante interesse em função da curiosidade, da indagação e do voyeurismo, que são inerentes a todos no que se refere a entrar na intimidade do outro. Na sociedade atual, onde reality shows se tornaram sinônimo de grande audiência, biografias, principalmente as não autorizadas, estão nas listas de Best-sellers, percebe-se também um aumento significativo pelo estudo de arquivos pessoais. Pesquisadores buscam encontrar, assim como os arqueólogos, as raridades informacionais e as provas para suas hipóteses. “É tentador poder pôr fim, com esses arquivos, a uma espécie de hegemonia que a história internalista das obras exerce na história intelectual” (PROCHASSON, 1998, p. 9).

Os arquivos pessoais passaram a receber os mesmos tratamentos de descrição e de conservação que as fontes administrativas e estatísticas. Para Prochasson (1998, p. 3) os mais “autênticos” desses arquivos são os arquivos pessoais, pois, por vezes, entram na história à revelia dos seus produtores, ou seja, pendem para o lado da intimidade, na medida em que não foram chamados, no momento de sua elaboração, a atingir um nível de oficialidade ou de notoriedade que caracteriza os dois outros tipos. Contudo, no decorrer de sua obra este mesmo autor questiona o qualitativo de autenticidade dos arquivos pessoais, pois há “documentos privados cujo autor mal disfarça o desejo, talvez inconsciente, de torná-los, o quanto antes, documentos públicos” (PROHASSON, 1998, p. 10).

Meneses (1998, p. 4) concorda com a citação acima, pois neste contexto, cada vez mais individualista, os objetivos materiais funcionam como veículos de qualificação social. E chama a atenção ainda para a verdade contida no documento, porque para esta autora a verdade objetiva do documento está na sua integridade física. Já os discursos sobre o documento é que podem ser falsos.

Os arquivos pessoais são utilizados como meio de entesouramento pelo papel que esta “possa exercer na perpetuação de uma identidade gloriosa” (RIBEIRO, 1998, p.1). Perpetuação que é a motivação utilizada por muitos para a produção de arquivos privados pessoais.

Para continuar esta discussão necessita-se apresentar o produtor do arquivo, sua formação, sua organização e destacar alguns documentos e seus possíveis relacionamentos.

### **3 GUILHERME FIGUEIREDO E SUA PERSONALIDADE**

Não se planeja, aqui, realizar uma biografia ou uma linha cronológica das atividades exercidas por Guilherme Figueiredo. A intenção é destacar sua personalidade complexa e um pouco da diversidade de ocupações por ele exercidas. Foi um homem multifacetado, questionador, polêmico e, principalmente, realizador. Os documentos presentes no Arquivo retratam um homem que deixou um legado para a literatura, o teatro, as artes, a educação, a televisão dentre outras contribuições.

Conhecer o produtor do arquivo contribui para o estudo ou o trabalho técnico deste acervo documental.

Assim, o estudo da biografia de uma pessoa torna-se fundamental, antes da etapa de identificação e descrição dos documentos. Conhecendo toda a trajetória de vida da pessoa, o arquivista poderá mais facilmente identificar os documentos e relacioná-los às atividades que o produziram. Esse caminho torna-se mais seguro e de melhor aplicabilidade. (SILVA, 2013, p. 165)

Guilherme de Oliveira Figueiredo, nasceu na cidade de Campinas (SP) no dia 13 de fevereiro de 1915, filho do general Euclides Figueiredo e Valentina Silva de Oliveira.

Seu pai foi um dos articuladores do Movimento Constitucionalista – evento histórico chamado por muitos de Revolução Constitucionalista de 32 – e Guilherme, aos dezessete anos, acompanhou-o, exercendo a função de soldado-mensageiro, responsável pela troca de mensagens entre os comandos do referido Movimento. Em 1933, com a derrota do Movimento, Euclides Figueiredo foi exilado em Portugal, seguindo para França e, depois, para Argentina. Posteriormente, foi preso na Casa de Correção do Rio de Janeiro.

Sua formação estudantil deu-se a princípio na Escola Nilo Peçanha, no bairro de São Cristóvão, passando aos 10 anos (1925) para o Colégio Militar do Rio de Janeiro. Já em 1936, durante o período de exílio do pai, formou-se em Ciências Jurídicas na Faculdade de Direito no Rio de Janeiro. A carreira de advogado foi curta. Seu único processo foi referente à defesa de seu pai Euclides Figueiredo perante o Tribunal de Segurança do Estado Novo, por ter sido um dos líderes do Movimento Constitucionalista.

No mesmo ano de 1936, Guilherme publicou seu primeiro livro: “Um violino na sombra”. Este livro foi publicado pela Editora Irmãos Pongetti e financiado por Euclides Figueiredo (FIGUEIREDO, 1998, p. 121). Casou-se com Alba Figueiredo Lobo em 19 de março de 1941, tendo dois filhos: Luiz Carlos e Marcelo. Alba foi sua grande companheira, permanecendo casados por cinquenta e seis anos.

No livro “A lição do Guru” (1989), Guilherme Figueiredo organiza a correspondência trocada com Mário de Andrade entre os anos de 1937 a 1945. Nestas cartas fica evidente a influência de Mário de Andrade no interesse e na especialização de Guilherme Figueiredo no teatro grego e romano. Guilherme Figueiredo ocupou, por trinta anos, a cadeira de professor de História do Teatro na Escola de Teatro da Federação das Escolas Federais Isoladas do Estado do Rio de Janeiro (FEFIERJ).

Tornou-se doutor pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), em 1989, cuja tese intitulada “Tartufo 79 – para uma poética da tradução do teatro em verso de Molière” recebeu conceito excelente por unanimidade da banca. O original da tese encontra-se depositado no Arquivo, onde é possível observar as marcas intrínsecas do documento,

anotações e correções realizadas pelo autor que mostram seu trajeto de pensamento. Pode-se realizar um estudo comparativo entre o manuscrito e o livro publicado posteriormente com o mesmo título, buscando identificar justamente as diferenças e o caminho do processo criativo. É sobre este aspecto que o Arquivo Guilherme deve ser observado. Como um conjunto de dados que possibilita uma análise variada dos diferentes discursos sobre uma personalidade da memória social nacional. Há possibilidades de analisar os documentos dele, com a organização e interferências dele, também temos os discursos de outros personagens, em diversos momentos e espaços: amigos, críticos, bajuladores e, sobre diversas tipologias de documentos: cartas, críticas, dedicatórias, etc. Ou seja, percorrendo todos os modelos discursivos de memória apontados por DODEBEI e ORRICO (2012).<sup>1</sup>

Durante sua carreira exerceu diversas atividades como: escritor, teatrólogo, tradutor, professor, crítico literário e teatral, colunista de jornais, diretor geral da TV Tupi, compositor, adido cultural e idealizador da Biblioteca Central da UNIRIO que comemorou, em 2017, 40 anos de sua fundação. Não há como reduzir sua vida em poucas páginas. Será tratado mais sobre sua carreira ao analisar seu arquivo.

Guilherme Figueiredo faleceu em 24 de maio de 1997, depois de sofrer um derrame aos 82 anos. Sua esposa Alba, faleceu em 8 de agosto do mesmo ano, menos de três meses depois. Vindo de uma família influente e exercendo muitas atividades profissionais ao longo da vida, Guilherme conquistou uma rede social refinada, na qual grandes nomes da cultura nacional se fizeram presentes<sup>2</sup>.

#### **4 A FORMAÇÃO DO ARQUIVO GUILHERME FIGUEIREDO E A BUSCA PELA IMORTALIDADE**

Para esta pesquisa, classifica-se o Arquivo Guilherme Figueiredo como um arquivo privado – por não ser de origem pública – e pessoal – por não ser de origem institucional. Arquivo privado pessoal pode ser definido “pelo fato de todos os documentos do acervo possuírem como marca identitária uma relação direta com o nome próprio do titular do arquivo.

---

<sup>1</sup> As autoras apontam como possibilidades de discursos sobre a memória e a Cultura os seguintes aspectos: tempo/espaço, natureza, estrutura, organização, constituição e representação, e cultura e cenário com suas redes e sentidos.

<sup>2</sup> Para mais informações sobre a biografia de Guilherme Figueiredo, sugere-se a leitura de seu livro de memórias “A bala perdida”, publicado em 1998.

Num arquivo pessoal, é o nome do titular que cria a identidade fundamental do acervo constituído”. (VENANCIO, 2001, p. 26).

Ao se realizar esta classificação, considera-se que a formação deste arquivo privado e pessoal, ao contrário do arquivo institucional – que representa um conjunto de documentos necessários ou gerados de sua atividade administrativa – foi produzida com intenção de criar ou perpetuar determinada imagem social de Guilherme Figueiredo.

O arquivo pessoal é sempre formado para anunciar e criar um pensamento, uma reflexão, uma história. Ao longo da vida, muitos dos registros acumulados por um indivíduo são descartados, e o resultado dessa ação é que se conserva apenas uma parte desses vestígios. Através de uma triagem diária, arrumam-se, desarrumam-se, classificam-se os papéis, coloca-se em ordem a desordem cotidiana. Ao arquivar, o colecionador de certa forma manipula a existência: omite, ignora ou dá destaque a certas passagens. A escolha e o registro de determinados acontecimentos, pensamentos e reflexões determinam o sentido que o colecionador busca dar ao arquivo. Pois, muitas vezes, "arquivar a própria vida é pôr-se no espelho, é contrapor à imagem social a imagem íntima de si próprio, e nesse sentido o arquivamento do eu é uma prática de construção de si mesmo e de resistência." (ARRIERES, 1998 apud VENANCIO, 2001, p. 26).

Guilherme além de formar um arquivo para perpetuar sua memória registrada, ele também tentou adquirir o título de imortal. Candidatou-se à cadeira 11 da Academia Brasileira de Letras (ABL), concorrendo com o médico Deolindo Couto e M. Paulo Filho. Mesmo sendo ganhador do Prêmio Artur Azevedo em 1950 e 1959, por “Um deus dormiu lá em casa” e “Xânitas”, respectivamente, Guilherme não conseguiu se eleger. A votação, ocorrida no dia 24 de outubro de 1962, Guilherme conseguiu seis votos, contra vinte e cinco de Deolindo Couto, que se sagrou membro da ABL. Diante da derrota, escreveu o livro “As excelências: ou, como entrar para a Academia Brasileira de Letras”, publicado em 1964, no qual descreve as trocas de favores existentes na época de sua candidatura. (FIGUEIREDO, 1998, p. 259-261). Guilherme perpetuou sua versão sobre a eleição, preocupado sempre em contar sua própria história.

Cabe lembrar que, ao ser eleito como membro da Academia Brasileira de Letras, o novo acadêmico recebe o título de imortal. Portanto, são os imortais que elegem os futuros imortais. Mesmo que de forma representativa, há poder maior que a imortalidade? Por este motivo que, para Foucault (2000, p. 166), o poder não é somente uma coisa ou propriedade, não está localizado no governo ou estado. Poder é uma rede de relacionamentos, ou seja, as relações sociais. A rede social presente no Arquivo Guilherme Figueiredo pode revelar

justamente as relações de poder existentes em diversos ambientes no qual o produtor do Arquivo estava inserido.

Para Abreu (1996) tudo o que pode contribuir para engrandecer uma determinada pessoa deve ser preservado e exibido como forma de “fabricação do imortal”, título de seu livro. São estes documentos, suportes de memória, que mostram o modo de vida, suas relações pessoais, suas realizações e seu estilo de poder. Abreu (1996, p. 17) quando descreve a coleção doada por Alice Calmon ao Museu Histórico Nacional, deixa clara intenção da doação, que era “mostrar que Miguel Calmon é, ao mesmo tempo, descendente de uma grande família e um grande servidor do Estado, inteiramente devotado à causa pública”. Assim, fica evidente que Alice procurava “celebrar a memória de seu marido, assegurar-lhe um lugar entre os imortais”. (ABREU, 1996, p. 19).

E, para Guilherme Figueiredo e seus herdeiros, qual seria a intenção em doar seus documentos? Ele foi um colecionador de máscaras, livros, discos, quadros, cachimbos, dentre outros objetos. Ele doou à Biblioteca Central da UNIRIO sua coleção de máscaras, sua Shakespeariana – “maior coleção de obras sobre Shakespeare” (FIGUEIREDO, 1998, p. 451) – duas poltronas de veludo provenientes do Théâtre Sarah Bernhardt, de 1987, e o quadro “Les tons dorés de l’Amazone” de Marcel Abougit. Lembrando-se que a Biblioteca Central também recebeu sua coleção de livros, doados em vida, e seu arquivo privado pessoal, doado por seus herdeiros. A coleção mais completa dos discos foi vendida pelo seu filho Luiz Carlos à Legião Brasileira da Boa Vontade (LBV), localizada em Brasília.

Logo, nem todos os itens da coleção de Guilherme foram doados. Qual foi o critério para doar ou vender? Qual o critério para escolher a UNIRIO como guardiã de sua memória, ou grande parte dela? Talvez como no caso relatado por Abreu (1996) assegurar-lhe um lugar de imortalidade, se não nacional, ao menos institucional.

A reflexão empreendida por Bourdieu (1989) com relação às histórias de vida pode ser útil para pensarmos uma determinada “ilusão biográfica” gerada pelos arquivos pessoais. Criticando a naturalização do sentido de “Continuidade pessoal” conferido às histórias de vida, Bourdieu alerta que o indivíduo, ao contar sua vida ou expor suas memórias, atuaria como ideólogo de sua própria história, selecionando certos acontecimentos significativos em função de uma intenção global e estabelecendo entre eles conexões adequadas a dar-lhes coerência, gerando sentidos a partir de uma retórica ordenadora da descontinuidade do real; trata-se de um esforço de representação, ou melhor, de produção de si mesmo (HEYMANN, 1997, p. 3).

Quando Bourdieu fala de produção de si mesmo, pode-se entender como dito por título da obra de Abreu (1996) “fabricação do imortal”. Até que ponto acumulação de documentos pessoais pode ser encarado como um processo natural e necessário da vida humana? Atitudes altruístas como de doadores de documentos particulares pré-selecionados como de Guilherme Figueiredo, não são desinteressadas.

Os documentos presentes no Arquivo Guilherme Figueiredo demonstram uma determinada intencionalidade de seu produtor em registrar grandes feitos de sua carreira. Há diversas versões de currículos elaborados pelo próprio Guilherme Figueiredo, com anotações e correções, o que mostra sua preocupação que sua trajetória profissional seja registrada. Existe também um esboço no qual o autor organiza suas obras literárias para uma futura edição de suas obras completas publicadas em diversos volumes – este desejo não chegou a ser realizado. Portador do dom da escrita, Guilherme Figueiredo não esperou para que algum biógrafo se interessasse por sua história – ou será que não confiava em outro para tal missão? Ele próprio decidiu contar sua vida no livro “A bala perdida”, um livro de memórias em que o autor narra vários trechos de sua vida, ilustrados com fotos que estão presentes em seu Arquivo. Seu currículo, esboçado em seus manuscritos, estão publicados no final do livro. Além de uma lista de prêmios por ele recebidos (FIGUEIREDO, 1998, p. 572). O seu Arquivo e seu livro de memórias são vestígios de um homem preocupado com sua imagem e perpetuação de sua história.

## **5 A ORGANIZAÇÃO DO ARQUIVO GUILHERME FIGUEIREDO**

Não são somente os autores que interferem nas informações, nas verdades e autenticidades dos documentos pessoais. A família e os profissionais responsáveis por sua guarda e organização podem interferir de forma contundente na documentação arquivística. Alguns autores como Heymann (1997, p. 1) e Cook (1998, p. 19) expõem, no decorrer de seus respectivos textos, questões que ilustram bem estas interferências mencionadas. Além de questões básicas, como: O que é transformado em fonte? Como? Onde? Por quem? A partir de que critérios e com que efeitos? Existem outras indagações que ajudariam a entender melhor esta relação de interferência por terceiros sobre os documentos, por exemplo: os responsáveis pela guarda do documento, incluem-se os familiares e profissionais, são neutros, imparciais? Os arquivos, como conjunto de documentos, são subprodutos desinteressados das ações de seus

gestores? As organizações e avaliações documentais são isentas de valores pessoais ou institucionais? Quem merece ser memorizado? E quem são os marginalizados pelas ações e omissões dos profissionais responsáveis por essa memorização social?

Desta forma, percebe-se que a acumulação dos documentos que originou o arquivo, torna-se tão ou mais importante que a sua produção. É nesse sentido que é justificado o “princípio de respeito aos fundos” de Duranti (1994 apud Heymann, 1997, p. 2-3), onde o autor chama a atenção para a forma como se apresenta o conjunto gerado, mostrando suas características particulares. Por isso é recomendado que se mantenha a ordenação original estabelecida. Para que não se perca a imbricação entre titular e arquivo e o próprio processo de acumulação. Meneses (1998, p. 5) afirma que os documentos também possuem uma biografia, uma trajetória, que deve ser examinada “nas diversas modalidades e efeitos das apropriações de que foram parte. Não se trata de recompor um cenário material, mas de entender os artefatos na interação social”.

A seleção e guarda desses documentos foi pensada para algum propósito específico, possivelmente, no caso de Guilherme Figueiredo, a perpetuação do seu eu, ou seja, a suposta “imortalidade” que alguns autores buscam. Entretanto, os estudos sobre os documentos podem romper a intenção inicial do produtor do arquivo, fomentando novos caminhos para outras interpretações sobre tal personalidade.

A acumulação dos documentos é consequência não somente das atividades e experiências do produtor do arquivo, mas também de suas escolhas. Perceber as inexistências e os destaques no conjunto do acervo e explicitá-los é importante para o estudo do titular, de seus familiares e do contexto social em que viveram. (OLIVEIRA, 2012, p. 78).

O interesse pelos arquivos pessoais como fontes de pesquisa para a escrita da história e preservação da memória decorre do fato de a “escrita de si” ali preservada em suportes variados (cartas, diários, textos autobiográficos, dentre outros) revelar muito sobre o contexto histórico social das personalidades e não apenas do indivíduo em si. (BORGES, MACIEL, 2012, p. 117).

A seleção e formação dos documentos do Arquivo Guilherme Figueiredo possui uma característica presente em outros arquivos de pessoas públicas. Os documentos referentes à vida particular (cartas amorosas, por exemplo), misturam-se com documentos referentes aos cargos públicos ocupados (relatórios como presidente da Fundação de Artes do Estado do Rio de Janeiro (FUNARJ), por exemplo) mostram a relação público versus privado.

Alguns documentos do Arquivo em questão extrapolam o lado privado, mas que foram incorporados por seu produtor enquanto ocupante de um cargo público. Heymann (1997) chama este processo de uma espécie de “privatização” de documentos públicos. “É possível encontrar documentação que deveria integrar fundos de arquivos públicos, mas que foi "privatizada" pelos agentes que estiveram à frente de cargos por um determinado período, passando a integrar sua documentação pessoal.” (HEYMANN, 1997, p. 66).

O Arquivo Guilherme Figueiredo além da seleção de seu produtor, também sofreu intervenção dos herdeiros. Após sua morte em 1997, os documentos foram encaixotados em torno de 40 caixas de papelão e guardados em um depósito até 2012, quando sua neta, Gabriela Figueiredo, reivindicou a posse do arquivo.

De acordo com Santos e Menezes (2013, p. 24) não era desejo de o Guilherme Figueiredo ter seu arquivo encaixotado e depositado. Provavelmente, a intenção da seleção dos documentos era enaltecê-lo, e em um depósito, esta função, perder-se-ia. Logo, quem teria sido o primeiro interventor nos documentos coletados por Guilherme Figueiredo? Quem os organizou nas caixas de papelão? Houve seleção e descarte durante esse processo de encaixotamento? Não há informações sobre tais indagações, mas se deve destacar este fato para que futuros estudos tenham consciência de que o arquivo sofreu interferências que não de seu produtor. Tal informação é importante, pois afeta pontos importantes de pesquisa. Por exemplo, a lógica de organização dos documentos, desenvolvida por seu produtor, deve ter se perdido, total ou parcialmente, durante este processo de organização.

No desejo dos herdeiros doarem o Arquivo à UNIRIO, a segunda intervenção ocorreu em função das exigências legais para recebimento de tais documentos. Foi necessário que a família herdeira realizasse um tratamento inicial do acervo arquivístico, que foi realizado por empresa contratada. A organização e classificação inicial do acervo duraram de 5 de novembro de 2012 a 3 de abril de 2013. Esta nova intervenção no Arquivo acarretou uma nova organização e acomodação dos documentos, que foram recebidos pela Biblioteca Central da UNIRIO em 2015.

A documentação reflete, assim, múltiplas interferências, confirmando a tese de que o arquivo pessoal é, muitas vezes, um projeto coletivo, no qual se sobrepõem várias subjetividades, afastando-se da sedutora imagem de expressão fiel e autêntica da subjetividade de seu titular. Além disso, os próprios critérios pessoais variam ao longo do tempo, o que remete a temporalidades distintas que presidem ao processo de acumulação dos documentos, tanto do ponto de vista do, titular quanto de seus colaboradores. (HEYMANN, 2005, p. 48).

O Arquivo Guilherme Figueiredo passou por algumas interferências que retiraram dele o organização inicial de seu produtor. No entanto, os álbuns de fotografias continuam sem interferências, pois preservam a disposição das fotos realizadas por seus proprietários.

## **6 OS DOCUMENTOS DO ARQUIVO GUILHERME FIGUEIREDO E SUA POTENCIALIDADE PARA PESQUISA**

O Arquivo Guilherme Figueiredo abrange documentos não apenas dele, mas também pertencentes a outros membros da família. Há uma grande quantidade de documentos destinados ao seu pai Euclides Figueiredo, como: coleção de discos de vinil com hinos do Movimento Constitucionalista, livro com assinaturas de mulheres em apoio a sua participação no Movimento, livros, dentre outros objetos, além de menções em entrevistas, cartas e homenagens. Diante das referências ao seu pai, pode-se inferir que Guilherme o tinha como referência/exemplo e alguém que gostaria de agradar.

O Arquivo possui em torno de 1174 fotografias, dos mais variados temas. Fotografias familiares de Guilherme: solteiro, com seus pais, seus irmãos, seus avós e outras pessoas que circundavam sua vida durante a infância e juventude. Fotografias também familiares que retratam sua vida de casado, com sua esposa Alba e seus dois filhos. Fotografias dos espetáculos de teatro que encenaram suas peças ao longo do mundo. Fotografias em premiações e com grandes personalidades, como: Antônio Candido, Sergio Milliet, Antônio Houaiss, Hilda Hilst, Lygia Fagundes Teles, Nélide Pinon, Tônia Carrero, dentre tantas outras personalidades da literatura, teatro, música e TV.

Do ponto de vista tipológico o Arquivo Guilherme Figueiredo possui três grandes tipos documentais: fotografias, recortes de jornais e manuscritos.

O Arquivo possui diversos álbuns de fotografias. Bem organizados e, em geral, com temáticas específicas, os álbuns revelam uma preocupação do seu proprietário em registrar e preservar determinados momentos de sua vida. O próprio ato de fotografar já revela a intencionalidade de eternizar determinado acontecimento. Até que ponto a vaidade e a pretensão de se tornar imortal eram os motivadores de tal atitude?

Há um álbum específico com fotografias dedicadas a Guilherme Figueiredo, enviadas pelos escritores Zélia Gattai, Jorge Amado e Menotti del Picchia, e pela jornalista Hildegard Angel, apenas para citar alguns. Parecia haver uma troca de fotografias entre eles. “Os caminhos

por onde circulam as fotos são traçados por sua doação e contradoação. As dedicatórias escritas sobre as fotos refazem estes caminhos e localizam o doador e o receptor.” (BARROS, p. 38).

Barros (1989, p. 41) comenta sobre o poder das fotografias como testemunhas capazes de colaborar para o “trabalho de resgate da história de cada um, [que] parte de pequenos fragmentos de tempo. Não é senão um instante mínimo da vida que aparece na fotografia”.

Na verdade, esta imagem representa a prova ou o testemunho da existência de pessoas, de lugares e de paisagens. Se se pode traçar pela foto um trajeto de volta ao passado e reconstruí-lo no presente é porque se acredita que a foto traz a veracidade desta memória. Histórias de vida ou trajetórias de família são construídas por que está disponível a documentação que as confirma. (BARROS, 1989, p. 39).

Muitos recortes de jornais foram coletados, como uma espécie de clipping sobre a vida profissional de Guilherme. Nota-se uma repetição de alguns recortes e que alguns recortes – principalmente os estrangeiros – eram enviados por amigos. A temática dos recortes se refere às crônicas e às críticas literárias publicadas em diferentes jornais, às entrevistas por ele concedidas e aos anúncios de seus livros e peças.

Parte desses recortes de jornais revela sua atividade de cronista e crítico literário em diversos jornais. Figueiredo (1998, p. 571) lista sua passagem pelos jornais, atuou em 1932 como crítico literário no “Jornal”; como redator em “A Nota” entre 1934-1935; redator e revisor nas revistas “O Cruzeiro” e “A Cigarra” em 1939; nesse mesmo ano, atuou como colaborador para “Carioca”, “Vamos Ler”, “Revista do Brasil” e “Diário de Notícias”. Publicou seus artigos nos jornais “Diário de Notícias” e “Jornal do Commercio” entre 1943-1945, “O Jornal” entre 1960-1961, “Correio da Manhã” entre 1968-1978 e “O Globo” entre 1985-1997.

Percebe-se um intervalo em sua atuação na imprensa brasileira ente os anos de 1978 a 1985. Esta pausa se deve ao fato dele acreditar que suas matérias nos jornais poderiam interferir na política nacional ou perder sua credibilidade frente ao seu parentesco com João Figueiredo, então Presidente do Brasil, na referida época. Assim que seu irmão deixou o cargo de Presidente, Guilherme retorna as suas atividades na imprensa.

Já os manuscritos são desde correspondência amorosa troca com sua esposa Alba nos anos de 1930, cadernos da época da escola primária à faculdade, cadernetas de anotações, à originais de livros e traduções.

Por meio dos originais e de diversas versões com anotações e correções dos livros presentes no Arquivo é possível perceber o cuidado do escritor com a gramática e com a

organização de suas ideias. O autor possuía um estilo literário amplo. Publicou livros de poesias, romances, contos, crônicas, culinária e literatura infanto-juvenil. Dentre os livros de crônicas está “Tratado geral dos chatos”, publicado em 1962, que se originou de observações que Guilherme fazia sobre o comportamento das pessoas. Este livro revela o lado cômico e ácido presente também em outros textos do autor.

Dentre as curiosidades sobre o autor está os livros de ensaios sobre culinária “Comidas, meu santo!”, publicado em 1964, e “Comes e bebes”, publicado em 1978, que revelam o perfil gourmet de Guilherme Figueiredo. No arquivo é possível encontrar cardápios de restaurantes, livros de receitas, inclusive em outros idiomas como o francês, e matérias de autoria do próprio Guilherme sobre a história de determinadas receitas, como a feijoada, por exemplo.

As fotografias, os recortes de jornais e as traduções de suas peças que compõem o Arquivo mostram que o teatrólogo Guilherme Figueiredo conseguiu romper as fronteiras do Brasil. Suas peças foram encenadas em diversos países, como: URSS (atual Rússia), Uruguai, Tchecoslováquia (país dissolvido em República Checa e a Eslováquia), Cuba, Estados Unidos, Japão, China, Espanha, Portugal, Israel, Argentina, Bélgica, Bulgária, dentre outros.

Foi no teatro que Guilherme Figueiredo conseguiu seu maior destaque. Em especial, as peças “Um deus dormiu lá em casa” e “A raposa e as uvas” ganharam grande destaque, conquistando prêmios dentro e fora do Brasil.

Sua primeira peça foi “Lady Godiva”, encenada em 1948, tendo Procópio Ferreira em seu elenco. Um ano depois, a peça “Um deus dormiu lá em casa” foi montada no Teatro Copacabana, sobre a direção de Silveira Sampaio. Esta peça revelou os atores que se tornariam estrelas do teatro e dramaturgia nacional: Paulo Autran, Tônia Carrero, Armando Couto, Vera Nunes e Carlos Thiré. O Arquivo possui fotografias com elenco e apresentação, textos originais, reportagens com anúncios e críticas à peça, pontos de teatro e os livros publicados com o texto da peça. Uma riqueza de diferentes manifestações sobre uma mesma obra, que necessitam ser descritas e relacionadas para uma efetiva recuperação da informação.

Em 1953, a peça “A raposa e as uvas” foi encenada no Teatro Municipal do Rio de Janeiro sob a direção de Bibi Ferreira. Foi sua peça de maior sucesso internacional. Em seu arquivo é possível encontrar programas, anúncios, traduções, ingressos e fotos dessa peça sendo encenada em diversos países, conquistando destaque na América, Europa e Ásia.

Tanto “Um deus dormiu lá em casa”, quanto “A raposa e as uvas” possuía inspiração no teatro grego. O teatrólogo era um pesquisador da cultura clássica grega e latina, dominava os idiomas inglês, francês, espanhol e italiano. Em função das dificuldades financeiras, devido

à prisão de seu pai Euclides Figueiredo, Guilherme iniciou sua atividade de tradutor de obras de André Maurois, Molière, Victor Serroff, B. Bjornsteins, dentre outros. (FIGUEIREDO, 1998, p. 149).

O lado polêmico de Guilherme Figueiredo estão representados nos documentos de seu arquivo pessoal. Há recortes de jornais relatando as desavenças com o então Ministrado da Educação Eduardo Portella e com o cineasta Franco Zeffirelli. Está também em seu arquivo o processo no qual Guilherme Figueiredo acusa o cineasta de plágio referente ao roteiro do filme “O Jovem Toscanini”.

A formação acadêmica em Direito e suas participações em questões judiciais envolvendo as questões de propriedade intelectual, levaram-no a se interessar pelas questões legais de direito autoral. Alguns documentos de seu Arquivo são versões rasuradas, que mostram sua participação ativa nessa discussão e implementação da Lei do Direito Autoral (Lei Nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998).

No campo da educação, Guilherme Figueiredo foi o primeiro reitor da UNIRIO, onde se manteve no cargo por dez anos, entre 1978 a 1988. O reitor sempre demonstrou interesse pela preservação e pela promoção da cultura. O prédio da Faculdade de Odontologia foi comprado e adaptado para ser a Biblioteca Central da FEFIERJ na época, atual UNIRIO. As características físicas (espaço para exposições, palestras e estudos) e de acervo (biblioteconômico, arquivístico e museológico) fazem com que a Biblioteca Central ganhe ares e/ou função de um centro cultural. Em uma de suas entrevistas, fazendo referência ao acervo diversificado (livros, discos, objetos museológicos e documentos arquivísticos), Guilherme Figueiredo diz que a Biblioteca Central é “uma mistura de biblioteca com museu e discoteca. Assim é a biblioteca Pública da Uni-Rio.” (LUCAS, 1991, p. 1).

Nos documentos do Arquivo é perceptível o cuidado que Guilherme Figueiredo havia com a Biblioteca Central. Em entrevista já chamava a atenção para a preciosidade do acervo da Biblioteca Central da UNIRIO.

Entre as aquisições da UniRio, estão uma das mais completas coleções no país de obras de Shakespeare (“melhor, talvez, só a da Biblioteca Nacional”, avalia Guilherme Figueiredo), livros como o “Teatro dialético”, de Brechet, uma edição espanhola da prestigiada “História do teatro”, do italiano Silvio Damico, além de obras de Molière, Taine, Corneille, Andre Billy e outros autores. (LÉO, 1985, p. 3).

Acredita-se que este perfil particular da Biblioteca Central da UNIRIO se deve à visão inovadora de Guilherme Figueiredo, que havia trabalhado como adido cultural em Paris e, provavelmente, conhecido os projetos do Centro Georges Pompidou, que funciona como um espaço aberto para diferentes manifestações culturais. Soma-se a esta visão o convívio com as ideias do professor Hélio Machado, primeiro diretor da Biblioteca Central (1977- 1987?) a convite de Guilherme. Professor Hélio foi diretor da Biblioteca Modelo Castro Alves<sup>3</sup> do extinto Instituto Nacional do Livro – INL. O INL desde 1956 apresentava uma proposta de biblioteca pública bem inovadora para os padrões brasileiros.

Guilherme foi adido cultural, entre 1964 a 1968, junto a Embaixada do Brasil em Paris, onde criou a Galeria Debret que recebeu mostras de arte brasileira e divulgação da literatura nacional. Existe em seu Arquivo documentos sobre a criação da galeria. Nesta época em que residiu em Paris, o autor morou no apartamento que havia sido residência de “Scott Fitzgerald, Jacques Lenormand, provavelmente, Pio Boroja.” (FIQUEIREDO, 1998, p. 399). Este apartamento localizado na Rue de Tilsitt, 14, inspirou o autor a escrever um livro com o mesmo título.

Os documentos do Arquivo mostram facetas pouco conhecidas do seu proprietário. Como uma fotografia que retrata sua viagem à China, que comemorava dez anos da Revolução Chinesa, ocorrida em 1949. A fotografia de Guilherme Figueiredo junto a um grupo que se centrava em Mao Tse Tung, corrobora a influência que o autor possui nos países estrangeiros. Figueiredo conta sobre essa fotografia e se orgulha de estar presente naquele momento.

Éramos uma centena, de meio mundo. O fotógrafo oficial armou-nos em grande quadro, brasileiros, latino-americanos, asiáticos, africanos, europeus. Parecia a apoteose de uma revista teatral. Batida a foto, as gandolas azuis e cinzas desapareceram, cumprimentando aqui e ali. E desapareceram no muro vermelho da Cidade Secreta, gentis e risonhos como políticos em véspera de eleições. Ganhamos a foto. Meninos, eu vi. E tenho a foto. (FIQUEIREDO, 1998, p. 338).

Na música Guilherme Figueiredo foi fundador da Orquestra Sinfônica Brasileira. No Arquivo estão os originais de músicas e roteiros de apresentações de ballet, apresentadas no Teatro Municipal do Rio de Janeiro.

Outro exemplo de faceta pouco explorada de Guilherme Figueiredo é revelada pelos documentos ligados à empresa de publicidade McCann Erickson. Guilherme Figueiredo foi

---

<sup>3</sup> Parte do acervo original desta biblioteca encontra-se na Biblioteca do Colégio Pedro II unidade de São Cristóvão. E pôde ser visitada pelos autores deste trabalho em 26 de junho de 2017.

publicitário nesta empresa entre os anos de 1942 a 1956. Figueiredo (1998, p. 162) ratifica a importância que a publicidade teve em sua formação ao se questionar: “teria perdido meu tempo em quinze anos de publicidade? Digo firmemente que não. A McCann Erickson me foi utilíssima, foi a minha melhor escola para o exercício da literatura”. Ao criar uma campanha para a Coca-Cola Brasil nos anos de 1940, seu trabalho foi responsável por mudanças de hábitos sociais. (COCA-COLA BRASIL, 2016).

Guilherme Figueiredo foi também responsável pela introdução de novos hábitos no consumo do refrigerante no país, como o de bebê-lo diretamente no gargalo da garrafa, o que até então era considerado um deslize de etiqueta. Para tanto, criou anúncios com pessoas ilustres reproduzindo tal atitude, pois considerava melhor consumir Coca-Cola assim do que “em copos mal lavados que interferiam no seu sabor” (RANGEL, 2007, p. 97).

No rádio escreveu peças radiofônicas. Na televisão, os documentos de seu arquivo revelam a participação de Guilherme Figueiredo como diretor artístico da TV Tupi entre 1956-1957. Os documentos encontrados são roteiros de peças adaptados para televisão, relatórios administrativos e propostas de programas para comporem a grade de programação. Ainda nesses documentos é possível perceber a dificuldade e o poder que os patrocinadores possuíam no estabelecimento dos programas.

Percebe-se que o Arquivo faz parte de uma grande coleção de documentos biblioteconômicos, arquivísticos e museológicos. É importante interligar estes registros de memória proporcionando novas conexões e reflexões.

Não há condições de mostrar toda a diversidade de conteúdos presentes no Arquivo Guilherme Figueiredo. Aqui se buscou apresentá-lo, mostrar suas potencialidades e possíveis caminhos a serem seguidos pelas fontes preservadas. Espera-se que outros pesquisadores se interessem pelo seu Arquivo e sua Coleção para que parcerias sejam formadas e o conteúdo opaco nos documentos venha à luz.

## **7 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O Arquivo Guilherme Figueiredo constitui registros de memória ainda não revelados ou associados a outros registros. São documentos que reproduzem a complexidade de uma personalidade densa, que se entregava intensamente às suas atividades. Pode-se, à medida que

for pesquisado, revelar informações e aspectos pouco abordados sobre as múltiplas visões sobre Guilherme Figueiredo, suas relações sociais e seu tempo, contextualizando e contrapondo fatos.

O arquivo, formado pelo conjunto de documentos centralizados em seu produtor, é capaz de revelar o processo criativo do escritor, do teatrólogo e tantas outras funções exercidas por Guilherme Figueiredo, possibilitando também compreender seus trabalhos artísticos e conhecer suas ações nos diversos setores sociais. De acordo com o foco observado, é possível ver um Guilherme Figueiredo diferente e com nuances que rompem a obviedade. É preciso levar os documentos além das caixas dos arquivos, é necessário da produção de sentidos, ligações de lembranças.

O Arquivo nos apresenta dois desafios: o primeiro, desvendar a representação de si por Guilherme Figueiredo almejada; e o segundo, estabelecer sentidos e ligações entre os registros de memória capazes de criar novas interpretações sobre o produtor do Arquivo, outras pessoas nele documentadas e as relações sociais representadas.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Mário de. **A lição do guru:** (cartas a Guilherme Figueiredo (1937-1945). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989.

BARROS, Myriam Moraes Lins de. Memória e família. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 29-42, jun. 1989. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2277/1416>>. Acesso em: 2 jul. 2018.

BELLOTTO, Heloísa Liberalli. Arquivos pessoais em face da teoria arquivística tradicional: debatendo Terry Cook. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, n. 21, p. 1-8, 1998. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2063>>. Acesso em: 2 jul. 2018.

BORGES, R. S.; MACIEL, L. R. Metodologia de organização de arquivos pessoais: o fundo Virginia Maria Niemeyer Portocarrero, enfermeira da FEB. In: SANTOS, P. R. E.; SILVA, M. C. S. M. (org.). **Arquivos pessoais:** história, preservação e memória da ciência. Rio de Janeiro: Associação dos Arquivos Brasileiros, 2012.

CARVALHO, Luciana Sant'Ana de. **Guilherme Figueiredo:** um estudo biobibliográfico. 1999. Trabalho de conclusão de curso em Biblioteconomia apresentado na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

CASTILHO, Ataliba Teireira de. (Org.). **A sistematização de arquivos públicos.** Campinas: Ed. Da Unicamp, 1991.

COCA-COLA BRASIL. **Linha do tempo:** conheça a história da Coca-Cola Brasil. 2016. Disponível em: <<https://www.cocacolabrasil.com.br/sobre-a-coca-cola-brasil/a-historia-da-coca-cola-brasil>>. Acesso em: 2 jul. 2018.

COOK, Terry. Arquivos pessoais e arquivos institucionais: para um entendimento arquivístico comum da formação da memória em um mundo pós-moderno. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, n. 21, p. 1-24, 1998. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2062>>. Acesso em: 2 jul. 2018.

DEL PRIORE, Mary. Biografia: quando o indivíduo conta a sua história. **Topoi:** revista de História, Rio de Janeiro, v. 10, n. 19, p. 7-16, 2009. Disponível em: <[http://www.revistatopoi.org/numeros\\_antteriores/topoi19/topoi%2019%20-%2001%20artigo%201.pdf](http://www.revistatopoi.org/numeros_antteriores/topoi19/topoi%2019%20-%2001%20artigo%201.pdf)>. Acesso em: 2 jul. 2018.

DODEBEI, V. L. D. L. M.; ORRICO, E. G. D. Informação e memória: um modelo conceitual possível. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 13., 2012, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2012.

FIGUEIREDO, G. **A bala perdida:** memórias. Rio de Janeiro: Topbooks, 1998.

FREIRE, S. C. ; COSTA, M. V. S. B.; ACHILLES, D. A biblioteca particular de Guilherme Figueiredo: uma coleção especial. In: ENCUESTRO NACIONAL DE INSTITUCIONES CON FONDOS ANTIGUOS Y RAROS, 4., 2017, Buenos Aires. **Gestión del patrimonio**

**bibliográfico y documental en bibliotecas, archivos y museos.** Ciudad Autónoma de Buenos Aires, 25 e 26 de septiembre de 2017.

FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS. **O que são arquivos pessoais.** 2007. Disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/acervo/arquivospessoais>>. Acesso em: 2 jul. 2018.

GOMES, A. C. Nas malhas do feitiço: o historiador e os encantos dos arquivos privados. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, n. 21, p. 1-9, 1998. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewFile/2069/1208>>. Acesso em: 2 jul. 2018.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva.** São Paulo: Revista dos Tribunais, 1990.

HEYMANN, L. Q. Indivíduo, memória e resíduo histórico: uma reflexão sobre arquivos pessoais e o caso Filinto Muller. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 19., 1997. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2041/1180>>. Acesso em: 2 jul. 2018.

HEYMANN, L. Q. Os "fazimentos" do arquivo Darcy Ribeiro: memória, acervo e legado. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 36, p. 43-58, jan. 2005. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2246/1385>>. Acesso em: 2 jul. 2018.

LÉO, L. Teatro mais rico, com livros de Vieira de Melo. **O Globo**, Rio de Janeiro, 17 abr. 1985. Segundo Caderno, p. 3. Recorte de jornal do Arquivo Guilherme Figueiredo.  
LUCAS, V. Acervo em perigo. **O Globo**, Rio de Janeiro, 26 jan. 1991. Recorte de jornal do Arquivo Guilherme Figueiredo.

MENESES, U. T. Bezerra de. Memória e cultura material: documentos pessoais no espaço público. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, n. 21, p. 1-20, 1998. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view%20File/2067/1206>>. Acesso em: 2 jul. 2018.

OLIVEIRA, L. M. V. de. **Descrição e pesquisa:** reflexões em torno dos arquivos pessoais. Rio de Janeiro: Móbile, 2012.

PEREIRA, D. V.; COSTA, M. V. S. B. Bibliotecas e aquisição de acervos privados: a experiência da UNIRIO com a Coleção Especial Guilherme Figueiredo. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**. v. 13, n. esp. CBBB 2017, p. 2706-2721, 2017. Disponível em: <<https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/831/966>>. Acesso em: 2 jul. 2018.

PROCHASSON, C. "Atenção: verdade!" arquivos privados e renovação das práticas historiográficas. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, n. 21, p. 1-19, 1998. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewFile/2064/1203>>. Acesso em: 2 jul. 2018.

RANGEL, J. M. B. Guilherme Figueiredo. In: Abreu, Alzira Alves de; PAULA, Christiane Jalles de (Orgs.). **Dicionário histórico-biográfico da propagando no Brasil.** Rio de Janeiro: Ed. FGV: ABP, 2007.

RIBEIRO, R. J. Memórias de si, ou... **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, n. 21, p. 1-9, 1998. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2068>>. Acesso em: 2 jul. 2018.

SANTOS, R.; MENEZES, A. B. **Organização e classificação do Arquivo pessoal de Guilherme Figueiredo**: relatório final. Rio de Janeiro: Agência Contemporânea de Pesquisa, 2013.

SILVA, M. C. S. M e. Configuração e recuperação da informação em documentos de ciência e tecnologia: estudo tipológico em arquivo pessoal no arquivo pessoal do físico Bernhard Gross. **Perspect. ciênc. inf.**, Belo Horizonte, v. 18, n. 3, p. 160-174, set. 2013. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-99362013000300011&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-99362013000300011&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 2 jul. 2018.

VENÂNCIO, G. Presente de papel: cultura escrita e sociabilidade na correspondência de Oliveira Vianna. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 28, p. 23-47, fev. 2001. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2146/1285>>. Acesso em: 2 jul. 2018.